

Sophia de Mello Breyner Andresen

Aquilo que me ligou à Sophia de Mello Breyner Andresen não foi a amizade, que resulta dum contrato de ideias ou duma compatibilidade histórica; quer dizer, do facto de sermos contemporâneas, sujeitas a uma mesma disciplina moral e cultural. Não era isso. Nós tínhamos a capacidade de nos impressionarmos. Como as crianças têm.

Tomás Mann, a dado momento da sua vida, ao ver uma criança a repetir sempre a mesma brincadeira, pôs-se a reflectir sobre isso que lhe parecia extraordinário. Era assim connosco. Tomávamos a sério coisas que no fundo nos divertiam. A Sophia e eu não sabíamos o que era a solidão. O concreto era a aventura, e a poesia era a sua forma de ser concreta. Penso nela como poeta grande que é e na fuga, no sentido musical, que foi a sua vida. Há uma metáfora nas Metamorfoses de Ovídio que se adapta à Sophia. A Dafne agrada-lhe a solidão e percorre feliz o bosque sem caminhos. As promessas do mundo e a claridade das coisas mortais que deslumbram a quem as deixa aproximar, seguem as leves pegadas de Dafne. Ela, de importunada, pede ao rio que a salve, e logo em loureiro ela se transforma. Seus braços brancos erguem-se para o céu, os pés entram na terra mudados em raízes. A glória a espera nessa metamorfose e para sempre, o verde loureiro há-de coroar os poetas, sendo a sua viçosa folha símbolo de imortalidade. Assim a solidão deixou de ter sentido. Na rima desabrocha a companhia. No coração do verso tem resposta.

É assim que vemos Sophia agora; com coroa de louros nos claros cabelos, nobre e sozinha, mas não solitária.

Mas vejamos como era em pessoa, como eu a vi.

Falando-lhe eu um dia do Marquês de Pombal e da atitude pessoal que teve no processo dos Távoras, simplesmente não me quis ouvir. Não gostava de discutir as coisas que não eram da sua linhagem intelectual.

Ela dizia que há sempre um pouco de vingança na boa conduta de alguém. Debatíamos isto, ela a tomar chá e a fumar. Eu replicava que não há nada pior do que o fastio de ser sensato. Era assim que nos entendíamos.

Mas raramente conversámos. Às vezes pedia-me conselhos e dizia-me:

“Não quero bons conselhos, desses estou eu até aos olhos. Antes aqueles conselhos que se esquecem depressa como o vento que nos desarruma o cabelo”. Era assim que nos entendíamos. Mas raramente conversávamos. Dava muito

AGUSTINA BESSA-LUÍS

trabalho defendermo-nos do ciúme de quem disputava a amizade dela. A outra amizade.

Uma coisa era certa. Acabávamos sempre por estar de acordo sobre o Marquês: “Um chato”.

Era assim connosco. Era bom.

Janeiro – 14 – 2005

Agustina Bessa-Luís